ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Posse do Academico Mario Mattos

Elogio do Senador Diogo de Vasconcellos, feito a 9 de julho de 1928, em sessão solenne, pelo sr. dr. Mario Mattos.

Como dupla homenagem, ao auctor e ao objecto do elogio, reproduz-se no presente volume da Revista do Archivo Publico Mineiro, o discurso magistral, sobre Diogo de Vasconcellos, pronunciado a 9 de Julho de 1928, na Academia Mineira de Letras, pelo novo academico Mario Mattos.

E' esse um trabalho, formal e substancialmente, digno, como os que mais o sejam, de ampla divulgação, meditada leitura e acurada meditação.

Da Direcção.

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Discurso de recepção do novo academico, sr. Mario Mattos

Elogio do Senador Diogo de Vasconcellos

Senhores academicos.

O numeroso acolhimento que promptamente déstes a minha candidatura a este gremio illustre, se, por um lado, me atalhou a pressurosa ambição, fez-me crer, por outro, na mutua bondade, no mutuo auxilio, na communhão de idéas e sentimentos que ainda coordenam homens de intelligencia e cultura.

Minha eleição não foi um premio. Foi antes um estimulo.

Seja, pois, minha primeira palavra, na hora em que tenho a honra de penetrar neste recinto, intransigente promessa de, na pouquidade de meus meritos, trabalhar com honestidade militante por ser digno de vossa companhia.

A Academia terá, por certo, em mim, trabalhador próvido, minudente e pertinaz, que procurará compensar, com estas virtudes, por assim dizer mecanicas, á mingua de outras forças mais constructivas e poderosas.

Confesso-vos tambem, senhores academicos, que, desde muito moço alimentei o desejo, que se tornou progressivo, de pertencer ao vosso cenaculo, e, assim, realizo hoje constante aspiração literaria, em virtude da qual me vejo obrigado a proclamar que vossa benevolencia vehiculou minha pertinacia.

Compreendestes que cruel fôra negar a quem trabalha sem brilho, mas com enthusiasmo no amor das letras, o accesso ao vosso sodalicio, unico applauso serio a quantos se entregam á illusão amarga do labor intellectual.

Por este e outros motivos, precipua é a influencia das academias no meio brasileiro. Cumpre-lhes, sem duvida, a missão selectiva dos esforços e capacidades literarias, afim de que se estabeleça, no dizer justo de

Machado de Assis, dentro da federação politica, a unidade de idéas e gosto artistico.

São ellas a força disciplinadora na dispersão anarchica da terra grande e mysteriosa. Força nuclear, que vitaliza as innovações necessarias e converte ao canon academico as extravagancias espurias, corrigindo-as, polindo-as ou eliminando-as.

O espirito rebellionario, signal de mocidade, procura combatel-as, porque são singular entrave á desordem dos processos. Offerecem á onda destructiva a impassibilidade e a indifferença. Passa por ellas o tumulto inconoclasta, que se caracteriza, aliás, pela fugacidade.

Ao cabo, sabem, porém, aproveitar o que houve de util e previdense nas arremettidas do espirito innovador. As academias assimillam, absorvem, conquistam, vencem a mocidade.

E, em regra, aquelles que as guerreiam são, andado o tempo, os que mais ardentemente as ambicionam, tanto é certo que o rythmo da vida se ordena pelos movimentos contradictorios. Muita candidatura encerra pois, acto publico de contricção.

E é tambem no seio dellas que se póde ainda refugiar a intelligencia nas democracias como a nossa, porque só ahi existe atmosphera favoravel á florescencia do gosto artistico. São como uma communidade, que irmana os homens do mesmo mister glorioso e inutil.

Muito ha que já se disse, com razão, que a literatura, no Brasil, não podendo ser occupação remunerativa, constitue desperdicio de energias. Os que têm vocação literaria estiolam-se por falta de ambiente propicio. E como nada amargura mais o homem que a sensação de inutilidade e penuria economica, o artista, aqui, se torna forçosamente pessimista incuravel.

Resvala para a ironia, a displicencia, a satyra incongruente, o habito de maljulgar dos homens, das coisas, e da propria Patria. Mais ainda: — como os livros não se lêem, dedica-se ao jornalismo, de onde dissemina a amargura e a melancolia de conceitos dissolventes.

Os que se volvem para as carreiras affins, como a advocacia, a medicina, a politica, só reservam á faina literaria o cançasso dos dias trabalhosos. Na politica, inevitavelmente os homens de letras deturpam o talento: — são os interesses facciosos que lhes pautam as idéas. Não podem ser sinceros.

Quantos acaso teimam em perseverar na inutilidade exhaustiva da vocação, como assegurou brilhantemente o sr. Gilberto Amado, têm que fragmentar-se, pois o esforço tenaz occuparia tempo enorme incompossivel, pela inocuidade, com os imperiosos compromissos, que a vida impõe. A extensão territorial immensa do paiz insula, tambem, as intelligencias.

O trabalho mental é, desta ordem, heroico e insolito, porque não recebe o influxo benefico do estimulo no applauso, no exito de livraria, no calor da analyse unanime, no apreço do leitor, na victoria de multiplicar-se o livro por si mesmo, espalhando as emoções profundas ou delicadas. A impressão do escriptor é a do silencio e isolamento. Voz clamando no deserto...

Pode-se aquilatar a angustia de tal situação, quando se considera que o prazer de escrever é, em certa maneira, o de ser lido.

O escriptor que possue publico experimenta agradavel sensação de força e influencia.

Ora, em meio assim hostil á obra de arte, bem é de ver se exaltar o desiderato das academias, ás quaes impende, como aos Governos, a missão unificadora e estimulativa da mentalidade brasileira.

E' por essas razões faceis e claras que no episodio das amiudadas eleições, muitas vezes se vêm os immortaes na contigencia de sagrar academico quem, como eu, se julga, com justiça, mero dilettante das letras.

A estas nunca me coube dar, como desejo, o esforço exclusivo e profissional.

A cadeira que ora venho occupar na Academia tem, aliás, como patrono, a Paula Candido, homem de intelligencia, sim, e cultura scientifica, mas não homem de letras. Certo o teria podido ser, se quizera, imprimindo ao trabalho senso alto e patriotico, que lhe havia de traduzir a energia do caracter.

Figura que não deixou vestigios curialmente assignalaveis de seu valor, necessario é que, no estudo della, se debruce a attenção, e a paciencia pesquize, catando-lhe, na memoria voluvel dos homens e no silencio fecundo dos archivos, os traços dispersos da operosidade. Trabalho de consciencia pormenorizadora que me corre realizar, em cumprimento ao preceito estatutario da nossa Academia.

Essas criaturas humildes e introspectivas costumam occultar comsigo uma gloria irrevelada e ignota.

Cedendo, por vezes, á fatalidade de temperamento original, não puderam dar aos meritos o apparato indispensavel ao relevo das virtudes, que, como tudo no mundo, exigem, objectivação ruidosa ou mesmo opportunista.

A alguns homens, aliás, apreciavelmente numerosos, a sensibilidade doentia lhes apaga a capacidade de actuação e, assim, a inercia, muita vez, accrescida de scepticismo, lhes immobilisa a personalidade na calma e no silencio espectantes.

Permanecem á margem do rio da vida, que lhes reflecte o perfil interrogativamente...

E' surpresa agradavel meditar taes almas simples, quietas e enigmaticas.

Feitio opposto a este, mas desprevenido tambem de vaidades e ambições, foi Diogo de Vasconcellos, a quem tenho a honra de succeder nesta cadeira, que illustrou com intelligencia sorridente, com ardor combativo, com a belleza quichotesca do caracter viril e com humor fa-

cil, que reticenciava, no vinco das observações curiosas, as tolices e os heroismos dos homens.

Uma theoria existe de individuos que nasceram com o signo esotérico de saber congregar em torno de si a sympathia vivaz dos semelhantes, centralizando, onde quer que actuem, o movimento de idéas e emoções, que se unificam na sua época. Electrizam o meio em que vivem.

Percebe-se nelles indole apostolar ou meramente conductora, de modo que a visão retrospectiva que se póde ter do conjuncto de suas attitudes é a do homem que reune em torno de sua palavra a ancia e a esperança dos outros homens...

Diogo de Vasconcellos!...

Como tal nome, que lança raizes longinquas em nosso passado politico, accorda e desenvolve, na imaginação, prespectivas de glorias, de jovialidades patrioticas, de eloquentes exemplos de amizade heroica, de actos que entrevêem nas plagas americanas, a possibilidade de perfeições moraes e um commercio mais brando e fraterno na communhão social!...

Nasceu Diogo no anno da graça de 1843, aos 8 de Maio, na episcopal cidade mineira de Marianna, cuja dominante influencia em sua indole ajudou a marcar-lhe a unitaria direcção da crença que sempre lhe orientou a harmonia de pensamentos.

Tendo ali assistido até aos doze annos de sua idade, nunca, por toda vida, jámais lhe esqueceu a doçura igual da gente conterranea, como tambem a benignidade da paizagem montanheza e a paz, sempre meiga, daquelles céos tão azues!...

A constancia da affeição entristecida ao longo decurso da existencia, de vez em quando reponta em varios lanços, sempre tecida de saudades evocativas do passado!

«Para mim, diz elle mais tarde, sobretudo o que mais me enleva é ir por ali avistando a minha cara Marianna, com os seus pitorescos arrebaldes; o valle ameno do meu patrio ribeirão, por Claudio Manoel cantado — *turvo bonhando as pallidas areias*; e a estrada branca que margina o Canella, ponteada toda de pequenos povoados e casinhas rusticas, fita incomparavel esta do meu cinema, na qual se me representam, na unidade dramatica dos tempos, os episodios em cheio da infancia e mocidade!»

Estreando na Assembléa Geral, onde o mandára, em eleição disputada, o voto caloroso dos patricios, aos 14 de julho de 1871, ainda a mesma emoção affiue, mostrando o carinho á terra natal: — «Sou filho da cidade de Marianna, estimado por aquelle generoso povo de irmãos. Tenho ali affeições fundas, ligadas todas ás mais doces recordações de infancia». E'-lhe o amor da terra, da gente, dos seus costumes della e suas particularidades cioso e activo, a ponto de agastar-se com as criticas e guardar fidelidade no seu affecto.

Amamos aquillo que nos agrada, fascina e prende. Por onde se descobre, na persistencia de tal devoção, como aquelle meio suggestivo, cheio das sombras solennes do passado, exerceu sobre a alma e o espirito de Diogo de Vasconcellos tão segura influencia educativa.

Havendo feito, no seminario local, os primeiros estudos, sem duvida que a intelligencia lhe foi ferida, ao ter contacto com o mundo do pensamento, pelo mysterio, encanto e drama das figuras empolgantes que na semi-barbaria brutesca e grandiosa, ali talaram a terra, derramaram o sangue indigena e irmãos sonharam a desmedida loucura das riquezas e encheram aquellas brenhas, até então silenciosas, do ruido, do tropel, dos gritos e das angustias da ambição insaciavel que o ouro géra e desata.

Por certo o passado, muito maior e mais interessante que o presente, naquella cidade religiosa e quieta, lhe aguçava a curiosidade intellectual e lhe falava á imaginação a mysteriosa linguagem das lendas, dos episodios dantescos, das historias fabulosas, que encerra o heroismo daquella época da conquista e desbravamento da terra de Minas-Geraes. Mais do que noutra parte do Brasil, em Ouro Preto e Marianna os mortos governam e impressionam os vivos.

O movimento, ali, está no passado. A morte enche de vida aquelles palacios veneraveis, aquellas praças desertas, aquella natureza hostil, incoherente e eriçada de pincaros denegridos pelo tempo, natureza talhada á feição do genio lugubre, que lhe houvesse revolucionado as entranhas, cheias da chimera louca de ouro e de outras illusões menos sanguinalentas.

Assim que aquellas paragens, ora remotas e esquecidas, accordam no espirito do visitante todo o fausto ou todas as lutas de outr'ora, o cortejo de conquistadores atrevidos, de bandeirantes audazes, de governadores crueis ou episodios de trahidores sem alma ou de heroes sem alarde, que se sacrificam com um sorriso, por amor da liberdade da Patria nova, a amanhecer na alvorada das idéas, do sentimento e da belleza americana.

Diogo de Vasconcellos, dotado de larga sensibilidade humana e de vigorosa imaginativa, nunca mais, na existencia, deixaria de ter a actividade volvida para esses aspectos attractivos de historia patria, que lhe preoccupavam constantemente a anciedade de estudioso.

E' que, desde cedo, se impregnou da alma do passado, que lhe cercou o berço, a infancia e a adolescencia, agitando-lhe um cosmorama enigmatico.

Aliás, a curiosidade retrospectiva, como o genio politico, como a eloquencia, como o pundonor procelloso ou simplesmente dicaz, traço é persistente e vivo na sua estirpe fidalga, um de cujos typos mais impressivos foi Bernardo, aquelle Bernardo Pereira de Vasconcellos, de quem Joaquim Nabuco, com veracidade, acertou de encarecer a imaginação politica constructora.

Como em outros paizes, no nosso, apezar de novo, não podemos deixar de, ao traçar a biographia dos homens, attentar nesse prestigioso contingente da unidade familiar, a marcar, através do tempo, na successão das gerações, o rythmo constante de determinadas virtudes, que compõem o unico padrão de aristocracia severa existente na sociedade brasileira. Aristocracia sem apparato enganoso, por haver-se temperado no fogo da lucta e na forja da rude peleja, entre os homens travada, pela conquista de proeminencia nos negocios, nas idéas, na politica ou na fallacidade das ambições passageiras...

Em Diogo renascem as qualidades de seus antepassados, adoçadas pelo timbre de estylo agradavel, simples e compreensivo, que lhe fez do temperamento o maior encanto da personalidade.

Esse caracter amoravel é, alguma parte dádiva da terra generosa e graça da religião que professava e bebeu no berço, ninho dos mais doces e candidos sentimentos de nossa boa gente mineira.

Os defeitos, delle, como historiador, hão de futuramente provir da bondade, quer quando assenta de formular a exculpa dos homens crueis, quer quando, presa de solicitações da vida, lhe indisciplina o trabalho e lhe consegue fazer murchar as legitimas ambições, que elle nunca alimentou.

Tendo permanecido toda a infancia e grande parte da primeira mocidade com a sua gente, pois completou o curso de humanidades no torrão natal, pôde sentir, em cheio, o calor e affago de seus paes, amigos e conterraneos, que lhe mereceram sempre affeição transbordante e calorosa.

Estudou tambem, durante dois annos, em Conganhas do Campo, seguindo, depois de terminado o curso no Seminario de Marianna, para o Rio de Janeiro, onde prestou exames no mosteiro de São Bento, obtendo notas plenas, as maiores conferidas naquella época, em todas as materias. Era o primeiro testemunho officioso de seu talento brilhante.

Com os preparatorios concluidos, foi-se para a Academia de Direito de São Paulo, já então famosa e que reunia, no seu curso, a mocidade intelligente do tempo.

E' de ver que, no meio dos moços estudantes, Diogo de Vasconcellos teria, dentro em pouco tempo, inevitavel ascendente pela communicabilidade risonha, pelo genio folgazão, pelo espirito de arrancadas imprevistas, pelos habitos bohemios, pela mesma sympathia envolvente e, sobretudo, pela intelligencia e indole politica, tomando esta palavra no sentido de capacidade dominadora.

Póde dizer-se que integrava o typo caracteristico do estudante da época, com os defeitos e qualidades de todo moço academico.

O rosto com a pallidez de cera, romantizado pela majestade da testa ampla, «revelando concentração mental», impressionava agradavelmente. Os olhos grandes davam-lhe claridade e expressão de viveza

e bondade profunda, e não erravam na objectivação dos sentimentos. Cabellos negros. Barba escassa. Personalidade muito attractiva...

Um contemporaneo, descrevendo-o, declarou que tinha andar apressado o deselegante, trajando roupas *à la diable*, a esbamboar-se ao vento, o que desconcertava a harmonia do bello physico esbelto. Tal descuido lhe revelava a bonhomia, que elle nunca, em todos os passos de sua vida, mostrou contar muito com essas futilidades feminis e outras vaidades do mesmo genero. Volta-se-lhe o espirito para outros aspectos da vida, dos homens e do mundo.

Desde então, já deixava transparecer o temperamento e feitio que, ao depois, em scenario mais largo e em contenda de interesse publico, invariadamente conservou.

Era popularissimo entre os collegas e na cidade. Todos o conheciam e estimavam. Impuzera-se. Corriam por todos os grupos suas pilherias, suas frases, suas caricaturas faladas, em que espirravam no bizarro movimento de traços ligeiros, os defeitos e tics risiveis dos companheiros. Era um tanto caustico. Mas a acidez da critica adoçava-se-lhe pela bondade dadivosa.

Diogo de Vasconcellos possuia o espirito de um bandeirante:— gostava de aventuras, de luctas, de arcar com difficuldades, de dominar sacrificios. Delle disseram que era alma rija de athleta. E era. Foi sempre.

Já por aquella quadra se confessava valentemente ultra-catholico e conservador destemido.

Eis como, nas *Tradições* e *Reminiscencias*, Almeida Nogueira se pronuncia sobre elle:—«A passagem de Diogo de Vasconcellos pela Academia de S. Paulo, nella deixou por longo tempo uma tradição de luz, que é a aureola daquella superior mentalidade, e a memoria de espirituosa bohemia, que é como a sombra daquelle corpo»

«Talento encyclopedico, igualmente se assignalava nas aulas, na tribuna academica, na imprensa e até na critica musical. Era um estudantão. E maravilha que o fosse, pois, nem ao menos, tinha livros e quasi nem domicilio certo. Aprazia-lhe ausentar-se de casa e viver como nomada, ora numa, ora noutra republica amiga, onde os collegas o prendiam, felizes com o encanto de sua verve inesgotavel».

Estudante vadio, não tinha habitos de trabalho; estudava a esmo, como e quando calhasse.

Lia em pé, encostado, ou, então, perambulando, lentamente, pelas salas e quintaes das casas onde estivesse.

A facilidade de comprehender corrigia-lhe a incoherencia dos estudos, assombrando os collegas seu poder de dialectica e inventiva rapida no desenrolar das discussões, das eternas e crepitantes discussões que os estudantes travam em torno de uma virgula ou a respeito da immortalidade da alma.

Quando se sentia encantoado, sahia-se com as pulhas imprevistas, que, provocando o riso, desconcertavam o adversario. A boa phrase ou o dito pittoresco valeram-lhe, nas polemicas que viveu accendendo, incontrastavel vantagem, pois tinham o poder de desarmar o contendor pelo ridiculo.

Já lhe era, na Academia, aguda a veia galhofeira.

Em certa occasião, como o rosto de seu contemporaneo Montenegro, celebre pela fealdade, fosse crivado de verrugas, saliencias, reentrancias e monticulos, ao ser-lhe pedida definição de tal phenomeno, logo se sahiu com esta:—a cara do Montenegro é o mappa da Suissa em relevo...

Troçava constantemente, com ou sem proposito, certo Loyola, seu collega e amigo, a quem imputava quanto de grotesco ou imponente acontecesse. Foi a insistencia neste particular tão impertinente e variada, que a figura do estudante, de real, passou á criação litteraria, vivendo assim vida mais veraz e superior. O Loyola veridico não era mais o mesmo—prosaico e curial. A fantasia assoberbou a realidade. Altos mysterios da intelligencia!

Durante a quadra academica, deu mostras Diogo de uma das feições mais naturaes de seu talento, que foi a oratoria.

Os discursos delle eram eloquentes e movidos daquelles arroubos ondulantes, em os quaes o solemne andamento dos periodos emparelha com a grandiosidade dos conceitos. Fluia-lhe o verbo naturalmente alcandorado, descendo, por vezes, á suavidade dos sentimentos mais delicados, vestidos em deliciosas expressões...

Findo o curso juridico, deixa elle a Paulicéa, onde só comquistou amigos e admiradores, os quaes, disseminados pelo Brasil, longe espalharam, decerto, a fama do collega jovial, intimorato e bom, que elle foi

Havia alcançado, nos meios academicos, victoria inconfundivel.

Ia engolphar se agora no torvelinho da vida pratica. Era no anno de 1867...

Veiu para Ouro Preto, onde já desfructava nomeada e conceituação na sociedade da então capital da provincia de Minas.

Occupou o cargo de Secretario Geral do Governo, sendo Governadores Corréa de Sá e Benevides e Andrade Figueira, cuja estima por elle era grande.

Tempos depois, em pleito renhido, elegeu-se deputado á Assembléa Geral, tendo sido suffragado nas urnas por gregos e troyanos.

Contava vinte e oito annos; estava na força da mocidade. Era um joven guapo e cortez, cheio de idéas e desenvoltura de palavra e attitudes.

Aos quatorze de julho de 1871, fez a estréa no parlamento, criticando o programma do Governo e formulando a theoria de suas idéas conservadoras.

A sete de março daquelle anno, o Visconde do Rio Branco havia organizado gabinete para substituir o de S. Vicente.

Ia agitar-se no Parlamento a grande questão da emancipação do ventre, que immortalizou na Historia o nome augural do Presidente do Conselho.

Ao contrario do anterior, o gabinete Rio Branco apresentava homogeneidade. A nota curiosa era a de que compunham o ministerio politicos inteiramente moços e de certo modo desconhecidos do paiz.

Accentúa um historiador que a figura do Visconde, em meio dos collegas, era de professor entre discipulos, dando-lhe tal posição remarcado ascendente sobre todos.

Além das qualidades politicas excepcionaes do chefe do ministerio, deve-se, em parte, a tal composição intelligente a sua duração, pois prolongou-se de 1871 a 1875, isto é, foi o gabinete mais longo que até então se tinha visto.

Possuia Rio Branco o feitio proprio á direcção de gabinetes.

Neste sentido, traça-lhe Nabuco o perfil com notas de forte colorido:—«Aos que tinham energia, faltava, ás vezes, iniciativa e imaginação; aos que reuniam essas qualidades faltava ou desejo de governar ou o conhecimento dos homens ou o talento parlamentar ou sufficiencia ou capacidade para organizar. Uns, de grande intelligencia, eram ignorantes do direito, da legislação; alguns, trabalhadores e fecundos, eram enfermos; outros, fortes, juvenis, eram indolentes».

«A algum que reunia as mais diversas qualidades, faltava sequito ou dom de crial-o; a outros, compromettiam os seus amigos, a sua roda.

«O Visconde do Rio Branco era em tudo o *juste milieu*: - tinha seriedade, criterio, infatigabilidade, coragem, vigor physico, pontualidade, correcção, figura, maneiras; mathematico, tinha alguma coisa de frio, de exacto, de positivo, de regular, de methodico no espirito».

«O seu talento era lucido, analytico, perspicaz; a imaginação o não arrastava. Era amavel, cortez, captivante».

«No conjuncto e na fórma em que esse conjuncto foi animado, elle é o primeiro de nossos politicos». «Sua arte de homem de Estado corresponde, tanto como a polidez de Luiz XIV, o theatro de Racine, os kardins de Le Notre, a um desenvolvimento harmonico de todas as faculdades».

Foi durante o ministerio conduzido por esse notavel estadista que Diogo de Vosconcellos esteve no parlamento brasileiro, havendo tido muitas opportunidades de, ao combater as idéas do gabinete, contrariar a propria palavra autorizada de Rio Branco.

Sua estréa foi cercada de exito e applausos.

Tratando de vario assumpto, com o fito de traçar as directrizes de seu pensamento politico, mostrou, como sempre se nota em seus discursos, admiravel senso pratico, insolito em temperamento um tanto bohemio como o seu.

Tal senso da realidade é mesmo nota constante na oratoria de Diogo de Vasconcellos. Assim é que, fazendo ponderações á reforma de instrucção, argula-lhe as falhas por estes termos: «Entendo, sr. Presidente, que em minha provincia nada se pode adiantar nesta materia, emquanto não se augmentarem os ordenados aos professores. Não é da reforma da cabeça, é da emancipação do ventre que se trata, ao contrario não ha pessoal habilitado, paes de familia que se dediquem ao ensino, como é tão conveniente e honesto».

Sobre a depois chamada lei do ventre livre, então ponto capital do gabinete, Diogo teve a coragem patriotica de expender a opinião com desassombro e de accordo com os interesses economicos do paiz. Assim se define elle: «O sr. Visconde do Rio Branco taxou-nos injustamente de escravocratas. Não nos pode caber este repugnante epitheto. Se nos unimos em opposição neste assumpto, é porque entendemos que a proposta do governo não é a mais conveniente nas actuaes circumstancias. E' porque entendemos que é preciso primeiro melhorar as finanças, organizar a força publica, estimular o trabalho livre, augmentar o clero, emfim restaurar as forças moraes e materiaes do paiz, para que elle possa receber sem risco tão grande golpe.

«Não pode, a mim particularmente, caber o triste labéo de escravocrata, porque, felizmente, muito antes do gaverno, o christianismo havia-me creado no espirito as idéas que hoje propago».

E corraborando com o facto a exactidão da affirmativa, remata: — «Antes de ouvir as palavras eloquentes do Presidente do conselho, antes de inspirar-me nos bellos conceitos de sua caridade, já tinha perante Deus tomado o compromisso de não consentir que em minha casa alguem abrisse os olhos na escravidão». Não o movia em tal posto o interesse pessoal, senão o da sua patria.

Como, de inicio, tive occasião de pôr em destaque, Diogo era orador que se comprazia em campanhas, em lutas, em polemicas, sabendo manter bohemia e tranquillidade em meio das ondas tempestuosas das paixões.

Em nenhuma outra fórma de expressão, a não ser talvez o jornalismo, expande tão nuamente o completo temperamento, mostrando-se sorridente e agil como em terreno agradavel e conhecido.

Em todas as orações parlamentares, percebe-se-lhe a continuidade desse pendor sempre pontilhado de bom humor facil, que se desfolhava na orvalhada da ironia e da galhofa.

Ainda os discursos em que mais inflammada lhe voasse a imaginação, em sendo farpeado pela inconveniencia dos apartes, respondia, presto, brandindo o florete dos ditos imprevistos e das comparações bizarras ou das sahidas desconcertantes, as quaes, algumas vezes, raiavam pelo humorismo exquisito e peculiar.

Permaneceu, medidas as relatividades, o mesmo irreverente da Academia, cuja sciencia do mundo e dos homens era tecida de piedade, ironia e condescendencia.

Começando um discurso, aos 6 de junho de 1874, quando mais crepitante ia a questão religiosa, Diogo o faz por essas palavras, causticando a retirada dos elementos governamentaes:

«Segundo as tradições da mythologia, quando uma cidade ou uma praça de guerra estava a ponto de ser tomada, as cegonhas na vespera batiam as azas fugitivas. E' o que me parece succedeu hoje com a dedicadissima e illustrada maioria do Governo: debandou-se».

Segundo é notorio, foi elle, no Parlamento, o mais efficaz, acutilante e bravo defensor do bispo de Olinda, revelando-se combatente destemeroso, a enfrentar, com galhardia, a Rio Branco, Silveira Martins e outros de tal tomo.

No redemoinho das lutas, ao atacar a maçonaria, como o fizesse empregando, na linguagem, a technica perfeita, Gusmão Lobo interrompe-o assim como se segue:— «V. Excia. conhece bem isto. Exprime-se com tanta correcção maçonica!...»

«Comprehendoa a ilusão», Diogo, rapido, contravem:— «Antes que V. Excia. descobrisse, julguei de cautela ser eu mesmo o primeiro que declarasse, nesta casa, ter sido iniciado nos augustos e venerandos mysterios da franco maçonaria, do rito escossez, reconhecido e acceito».

— «Então abjurou? inquiriu Gusmão.

— «Cumpri com o meu dever de catholico, respondeu».

E proseguindo, explica: «Entrei para uma loja, em São Paulo, nos meus tempos de estudante, quando a idade ainda não póde attenuar nossos erros. Frequentei a augusta officina algumas vezes; mas mostrei tão pouca aptidão para pedreiro livre, que nunca passei de servente».

A seguir, declara, honestamente, que na associação nada viu reprovavel aos olhos de homem de bem.

Neste ponto, Gusmão Lobo e outros, satisfeitos com a confissão, exclamam:

«— E' uma declaração que honra V. Ex.!»

Diogo volta, ferino e surprehendente, tirando todo o partido possivel do cerco difficultoso em que o haviam posto: «— Mas, esperem, não fiquem muito alegres. Não vi certamente acto algum reprovado; mas, depois que meditei e li varias instrucções da Igreja, condemnando-a, eu, que me havia apartado da maçonaria por simples tedio de coisas que me pareciam ridiculas, fiz proposito firme de abandonal-a por motivos e bem fundados escrupulos religiosos».

A capacidade de triumphar nos debates da palavra, quaesquer que fossem as emergencias, é extraordinaria em Diogo de Vasconcellos, orador de raça, esgrimista invulneravel. sobranceiro, sereno, bem humorado, cheio de uma eloquencia borbulhante e espontanea.

Se não fôra prolongar demais estas notas, poderia indicar muitos episodios da sua vida parlamentar, que lhe salientam a graça, a ironia, a facilidade que demonstrava em desenredar-se dos impecilhos.

Diogo vencia o assumpto e o adversario.

Gostava de discutir e só o fazia em prol do seu credo, de suas idéas, dos seus principios e, tambem, de seus amigos, o que tudo lhe enfeixava as nobres e accesas paixões. Sim, porque foi sempre temperamento apaixonado. E esta indole dedicada e férvida não o conduzia ao exercicio do erro ou dos sentimentos inferiores. Não...

E quanto mais empenhado se achasse numa entrepresa mais interessante, mais numeroso, mais pugnaz se mostrava nos talentos, na tactica, no ardor de pelejar, esgrimar, triumphar, mas sem cansaços e sem odio.

Diogo era, nesses passos, um turbilhão, uma procella humana...

Guardava a alma bohemia de gavroche no luminoso espirito de um apostolo!

No parlamento brasileiro, muita vez, quando os animos se alteravam estrepitosamente, sabia desatar o riso insoffreavel, que, afrouxando a corrente aos odios, atalhava as contendas e apaziguava os mais exaltados.

E' certo que o estylo politico, em todo tempo, persuade aos astutos o ar grave e impassivel, revêsso a taes jogos de espirito, em que a intelligencia como se materializa na dynamica de golpes fulminantes. Espiritos que taes são ameaça terrivel, que pende sobre a cabeça de todos...

Quando Diogo pedia a palavra, já se sabia que era inevitavel não só o tumulto dos apartes como o ruido dos applausos.

Era a alegria em meio das sobrecasacas monarchicas, onde o negro se casava com a solemnidade das attitudes e dos programmas. Mas a jovialidade não lhe excluia o enthusiasmo pelas grandes causas, na defesa das quaes assomava intrepido, trazendo por vezes palavra prophetica e augural. Mas se o espirito imaginoso em alguma parte alça vôo, não perde, comtudo, o sentido da proporção e realidade.

Apressado e equanime, volve á contingencia humana.

Sou forçado a dizer que Diogo, pela desambição, pelo descuido, pela bondade, pela religião que lhe apagou os egoismos mesquinhos, foi de algum modo um bohemio.

Entretanto, o que é curioso é que este desprezo dos interesses terrenos não lhe conseguiu suffocar o genio politico racial e, dahi, tanto a superioridade dos principios como a exactidão dos alvitres e o criterio pratico das questões. Teria sido, com certeza, um conselheiro clarividente. Quero dizer que só se prejudicava a si proprio.

Sabemos, porém, que tudo apresenta a face util. A bohemia é factor de solidariedade humana; atravéz dos episodios da vida e dos livros, vê-se que os homens solidificam a amizade e affecto reciproco trocando idéas, bebendo ou comendo na mesma mesa, sonhando as mesma chiméras ou vencendo, juntos, as mesmas difficuldades. A desambição une; os interesses dividem os homens. A bohemia de Diogo é o espetaculo gracioso de sua bondade christã.

Não lhe impediu de ter e declarar, sobre os problemas politicos e administrativos do paiz, noção perfeita, e de discutil-os com aproveitavel elevação. As orações de Diogo são excellentes, encerrando conceitos e pontos de vista prudentes e certos.

E' assim que, analyzando o orçamento da agricultura naquelles tempos remotos, objecta que o Governo, cuidando de coisas somenos, se esquece de fomentar a producção, de tratar das vias de communicação, de desenvolver os processos agricolas modernos, especialmente na sua cara provincia de Minas, que é, com a religião, um dos seus desvelos mais constantes.

E doutrinando, a este respeito, com a lição da historia, profere esses opportunos conceitos: "Bem diversamente das provincias maritimas, ella se povoou do centro para a peripheria. Não foram as leis economicas, que regem o desenvolvimento da agricultura, que ali deram origem a tão possante e numerosa colonização".

"A ambição do ouro que estava á flor da terra foi que attrahiu para o centro a enorme torrente que animou aquella zona; deixando de tal modo abandonado o resto de nosso territorio, que ainda hoje é que se estão povoando os municipios externos".

"A ambição do ouro absorve todos os esforços; mata a divisão do trabalho, que é a base da civilização; e quando desapparece, deloca e perturba todas as relações, ao passo que não deixa uma só industria para substituil-o, pois, nenhuma outra pôde consentir que desenvolvesse a seu lado".

"Acontece então que, exgottada essa fonte, o paiz que della viveu passa a morrer; o proprio ouro retira-se para ao longe capitalizar-se".

Ahi mesmo insinuava devera o Governo, por leis sabias, estimular as iniciativas industriaes, em que cumpria assentar a riqueza futura de Minas, o que veiu o tempo claramente confirmar.

Muitas outras questões aborda, e mostra igual visão pragmatica, conforme aos meios e interesses da Nação.

Pena foi que Diogo não continuasse por mais tempo no Parlamento, porque, dali, daquella eminencia, teria tido, necessariamente, projecção radiosa.

Assim, como Bernardo de Vasconcellos e Evaristo da Veiga, em 1827, foram "os dois mais notaveis acontecimentos intellectuaes", Diogo, repetindo-lhe ao tio, no tempo, a actuação constructora, secundal-o-ia na eloquencia e no feitio combativo, mais uma vez dando exemplo, nos annaes politicos do Brasil, da comtinuidade de grande obra patriotica realizada por uma mesma estirpe. As vicissitudes da vida publica desarticularam, porém, este rythmo necessario e harmonioso.

Houve Diogo outra vez de exercer em campo diverso sua activida de. Tornou para o seu Ouro-Preto.

Algum tempo depois foi eleito deputado á Assembléa Provincial, onde teve assento em dois biennios.

Como era de esperar, foi ahi sua acção proveitosa, já amestrado nas lides parlamentares e familiar no meneio das coisas publicas.

Proclamando-se, em 89, a Republica, não se quiz conformar, como quasi todos, com o facto consumado, cuja theoria, desde então, parece enfeixar modelo de sabedoria politica.

Quando se convocou, ao termino do Provisorio, a Assembléa Constituinte, a opinião, havendo que interferir nas eleições, bipartiu-se neste Estado, e em uma de cujas facções acertou Diogo de pelejar, fundando o «Jornal de Minas» em Ouro-Preto.

Vae, em tal phase, travar combate em novo plano, mais perfeitamente consentaneo com a indole campeadora, que não escondia, antes era a expressão essencial daquelle espirito alumiado.

Jornalista, tinha, para a profissão, com empenho e arte, a veia da comicidade, a instantaneidade dos golpes, a abundancia de pensamentos e animo destemeroso, tudo junto sendo causa da sua dominante ascendencia neste prelio, em que tão só não sossobram nunca as inteiras vocações. Diogo possuia as virtudes primordiaes do jornalista como deve ser.

No mais vivo da contenda, não se desmandava na linguagem, que o furor, se houvera, se ramificava na pilheria, na facecia, na ironia, e, não raro, no tom alevantado das admoestações, cheias de grande sopro. Colhido nas ondas de uma polemica, entrega-se-lhe como se diz, de corpo e alma, desenvolvendo, ahi, actividade imprevista, a arrostar, sozinho, os perigos todos e arremetter, terrivel, com os tropeços e os odios.

Em tal campo, ainda lhe persiste mais dramatico o temperamento de politico combativo, o qual temperamento, se se precatasse, era para resurtir no mimetismo do sarcasmo, da pilheria ou da apostrophe. Só a bondade sempre florescente do coração apagava, em Diogo, a força da indole bandeirante.

Havendo a Constituinte compendiado a mudança da Capital entre as disposições transitorias de sua lei basilar, desencadeou-se, derredor do assumpto, temerosa tempestade. Accenderam-se as discussões, e no Congresso e na imprensa, brava foi a peleja, que por muito se desenvolveu com estrepito e apaixonada vivacidade.

Os que pugnavam contra a idéa encontraram em Diogo de Vasconcellos o natural e inegualavel advogado, que da causa fez, como soia em emergencias taes, sua obcessão, sua fdéa fixa.

Por ella desatou, no jornal e na tribuna, companha larga e cheia de ruido, devastando pelos multiplos recursos do talento todos os aspectos da questão.

Ha qualquer coisa tragicamente commovedora na intrepidez de tal cruzada!

Como que o nume da antiga capital da provincia, onde «outrora retumbaram hymnos» e por cujas calçadas e praças muito coche real «rodou por entre os ouropeis mais finos», como que a alma agonizante do velho Ouro-Preto, convocando as furias no espirito corajoso de seu hoplita audaz, nos lanços do exicio politico, clamava e protestava pela voz de Diogo, que foi o seu vencido Arary.

Arary, nos conta Diogo, na sua Historia Antiga das Minas-Geraes, foi chefe gentilico e se não conformou com a derrota de sua grey. Solitario, succumbiu impavidamente no fogo e sangue, em meio de batalhas teimosas e cruentas.

Premiando-lhe o valor e caracter, assim se exprime o historiador, a quem calham, da mesma sorte, na lucta contra a mudança da Capital, a justiça de iguaes palavras: «Viu deante dos olhos o exicio do imperio gentilico, sua terra votada e sua raça á escravidão do extrangeiro; armou-se, combateu e, se succumbiu, foi ao menos fiel á patria moribunda. Honra sempre ao valor desditoso»!

Recompensa a tanta dedicação os patricios lh'a deram com pressa, elegendo o, nos primordios do regime novo, Presidente da Camara Municipal do Ouro Preto.

Ali foi elle toda vida muito estimado e querido, a ponto de ser o idolo da cidade, a que votava, de sua parte, filial carinho.

Residia, como se sabe, na chacara da Agua Limpa, um pouco solitaria, de onde vinha diariamente á cidade.

Acompanhou os episodios e emoções que experimentou seu povo, de quem era indisputado interprete na tribuna, na imprensa e na mesma indole.

Como, em geral, o ouro-pretano, ou melhor, o habitante de cidade velha e illustre, era hospitaleiro, lhano nos modos, apaziguado e brando no trato intimo, e insigne conversador, effeito da convivencia e sociabilidade que existem nas antigas agglomerações humanas.

Como que a integrar esse typo, sabia Diogo seu latim e bastante apreciava musica, de que era conhecedor.

Alegrava a palestra com o pico das pilherias, o que muito lhe divertia e enleiava os amigos numerosos e dedicados. Todo mundo lhe queria muito bem.

Em Ouro Preto, elle era simplesmente «o Diogo», de quem, em justo orgulho, se ufanava sua gente como de genio benigno.

A sua data anniversaria era festa ouro-pretana, a que todos accorriam, jubilosos, ao retiro da Agua Limpa, a saudal-o nas expansões do contentamento civico.

Da amenidade, singeleza e brandura de sua alma suavemente discorre a pagina literaria escripta sobre a doce velhinha Henriqueta Firmina da

Rocha, sua avó, a qual pagina, como se exprimiu Arduino Bolivar, è o primor de sua penna e a mais leve flôr de sua palavra maravilhosa.

Nesse opusculo se objectiva uma das expressões mais originaes e fluidas da bondade humana, que unicamente nesses lirios de candura se entremostram, quando, no doce coração do homem, floresce o milagre das virtudes evangelicas. A bondade tão só não fala assim; precisa estar aclarada pela luz da religião...

De tanta benignidade de animo muitos factos se enumeram delle, não só quanto aos semelhantes, como a quanto existisse, dando signal e copia do seu Deus. Não sei se é certo, mas pelo menos verosimil, que costumava soltar os passaros aprisionados pelos filhos, quando crianças.

Que era affeiçoado aos animaes, isto é verdade, pois em toda Minas se tornou pittorescamente celebrado o «Marreco», burrico de crinas descaidas, no qual se transpunha da sua á casa dos amigos e aos penates da cidade.

Marreco gostava muito de seu dono, que até nos brutos se exerce a influencia do homem bom.

Philosophico, paciente e meditativo, não era voluntarioso como os demais burros, mas docil.

Emquanto o amo conversava ou tratava negocios por aqui e ali, em certo desvão da rua de S. José permanecia o «Marreco», tendo o cuidado de se mudar de logar, assim o sol, remontando no ceo, ahi mais não consentisse sombra. Nunca se desesperava das demoras de Diogo, que, de ordinario, não eram pouco longas.

«Marreco» era russo, pequenino, magro e um tanto sem «brio», isto é, na significação que tal adjectivo reveste applicado aos burros pois, emquanto ao caracter, o de «Marreco», era do melhor quilate.

Foi uma das maiores paciencias que um dia já surgiram na sua raça biblica.

Diogo falava delle no commercio com os conhecidos e tambem em varios escriptos seus, encomiando-lhe as qualidades.

Foi na Agua Limpa, onde morava, que Diogo, tendo começado os estudos para escrever a sua incompleta Historia de Minas, recebeu de João Pinheiro, e acceitou, a tarefa de colligir documentos para dilucidação dos limites entre Minas e o Espirito Santo.

Dahi, daquelle retiro pensativo, produziu, para muitos jornaes mineiros e do Rio, excellentes paginas, que versavam vario assumpto.

Nessa collaboração convem frisar a do «O Paiz», onde escreveu magnificos artigos humoristicos contra o presidente do Estado do Rio, Portella, a quem ajustou o appellido de *Zombo*, que era o nome do elephante de ruidoso «circo» da época.

Foi assiduo collaborador do *O Pharol*, de Juiz de Fóra, ahi por volta de 1892.

De como lhe acordou o desejo de escrever a historia de Minas, elle proprio nos declara o motivo:—«que no dia de São João, em 1898, tendo, na forma do costume, ouvido missa na Capella do Morro, por ahi me conservei algumas horas em meditação, depois que o povo se retirou. Fazia no acto dous seculos que a Bandeira de Antonio Dias ali chegou para descobrir o Ouro Preto».

«Concebi então o projecto de reunir as memorias, que tinha, dos factos succedidos nessa época remota, pouco estudada, e muito mal dirigida pelos escriptores até hoje acceitos como depositarios da tradição. O meu projecto, apenas começado, vi que não era tão simples como suppuz. A historia não se pode discernir aos pedaços»,

E metteu hombros á tarefa.

Não tenho titulos que me habilitem a uma critica imparcial sobre seus meritos de historiador.

Mas até onde a consciencia da observação me pode conduzir, verifico que os defeitos delle, nesta especialidade, advêm do temperamento.

Alguns outros elle mesmo se apressa em expôl-os, quando adverte que «só pode empregar as horas vagas e os dias de ferias no estudo, alternaltivas que o leitor facilmente observará na desigualdade das paginas escriptas»,

As excellencias em tal mister é que elle as enfeixava muitas e particulares.

Falando delle, José Antonio Nogueira exalta, com justiça, que «a consonancia do seu sentir com o dos seus personagens o torna mais apto para os comprehender, identifica-o com os melhores dentre elles e faz com que um grande sopro de vida nos mostre palpitante ainda a alma heroica do passado. O chronista das bandeiras é melhor tenha olhos de ver tambem a columna de fogo com que a Providencia lhes alumiava a derrota. Darnos-á, assim, ao invés da prosaica relação de avançadas e guerrilhas, um verdadeiro poema».

Convem expôr que, historiador, não recheia a narrativa com citações e episodios inexpressivos, antes corre ella attractiva no estylo classico e ameno. Sua historia são chronicas agradaveis em que põe de manifesto o relevo das figuras, a intelligencia dos factos e o commentario, sempre psychologico, de sua sabedoria benevola.

A theoria daquella época inicial é, em Diogo, a da mesma vida, a que os homens, em todo o tempo, não podem escapar.

A mim mais me agrada no historiador, o psychologo, o philosopho benevolente, que cuida de compreender os homens, julgando-os com os dados eternos, pela força dos quaes elles se salvam ou se annullam. E nisso elle é certo, igual e constante...

Analysa e decifra as almas. E aos condemnados da Historia, não acha a sentença dos homens inappellavel... Interpõe o recurso das explicações excusativas...

E' a influencia da religião e do instincto da verdade, que, neste passo é uma e mesma coisa.

As concepções communs, muita vez, não as acceita, prefere meditar os factos á luz de raciocinio livre e autonomo. Não gosta de condemnar.

Argumenta quasi sempre de accordo com interesses superiores e, assim, procura explicar com simplicidade os absurdos apparentes.

Não é historiador frio e bolorento. O estylo já se comparou com alguma verdade ao de Luiz de Souza, a que evidentemente se filia e ao de D. Silverio Gomes Pimenta, aos quaes, no entanto, não se emparelha e nem supera. Tem de ambos a mansuetude, a graça, a correcção e certo encanto mysterioso inexplicavel, que se pode definir a indole da lingua.

Por vezes, soergue-se-lhe o espirito na vera eloquencia do enthusiasmo, como quando conta, por exemplo, a descoberta do Ouro Preto. Eis o passo: «No dia seguinte, alvorecendo, sexta-feira, 24 de Junho de 1698, os bandeirantes ergueram-se e deram mais alguns passos:—todo o panorama estupendo do Tripuhy, illuminado então pela aurora, rasgou-se dali aos olhos avidos; e o Itacolomy, soberano da cordilheira, estampou-se, nitido e firme, no ceruleo do céo, que a luz recamava de purpura e ouro, de anil e rosas.

Tomado o santo do dia, S. João Baptista, foi o patrono da nova terra, *vox clamantis in deserto*, e essa voz, resoando nos écos da solidão, despertou a natureza ouvindo a saudação do Anjo: Ave-Maria! Foi essa a madrugada em que realmente se fixou a era christã das Minas Geraes. Estava descoberto o Ouro Preto...»

Narrando episodios, entressacha-os de aphorismos, de observações conceituosas e de verdadeiros paradoxos surprehendentes. Dissertando da expedição de Tourinho, pronuncia-se desta maneira:—«O exito feliz desta jornada, como sôe acontecer sempre, deferiu a Tourinho a palma de primeiro descobridor de nosso territorio, sem embargo de ser apenas o afortunado continuador dos precendentes».

Sabe que o heroismo no cumprimento do que o homem suppõe seja o seu dever é que devéras o engrandece e torna admiravel. E quando tem que julgar o caso como o de Garcia Rodrigues, o qual, apurando fôra o filho cabeça da revolta contra elle, lhe ordenára a morte, contem o impulso da indignação e simplesmente declara que não sabe se a historia o condemnará...

O pensamento que lhe acompanha a narrativa encerra sempre sabedoria pragmatica, pois, como já disse, um dos caracteristicos de Diogo é o espirito pratico e positivo...

Ousa romper com a onda das opiniões secularmente firmadas, defendendo ou, pelo menos, explicando instituições de cotio condemnadas.

Eis o que pensa a respeito da escravidão dos indios, e é a verdade: —«Por muito que se queira estigmatizar o procedimento de nossos maiores, forçoso é se confesse praticaram a lei historica de todos os tempos e de todos os paizes, em que é mister existirem raças desiguaes. A menos que se queira, de preferencia, o exterminio usadon os Estados Unidos, a eliminação a ferro e fogo dos indios, a escravidão foi relativamente humana. Ou ella ou o abandono da colonia, e tal é a forma das coisas, que foi a escravidão o primeiro passo da ordem civil, instrumento necessario da grandeza expansiva do mundo antigo».

Esta opinião não inhibiu o historiador de, por amor á verdade, dar a exacta explicação da ferocidade dos indios. As tribus mais intractaveis e bellicosas eram as mais bem organizadas e desenvolvidas. As submissas ao predominio do branco eram as que não haviam attingido certo grão de organização.

Ao relatar os lanços dos ataques ao quilombo dos Palmares, que tinha constituição sovietica, remata-os o historiador com o imprevisto dessa sentença:—«não foi, portanto, aquillo um simples quilombo de pretos. Fossem brancos, bem diversos seria o juizo da historia, que os acclamaria heroes».

Aponta, em certo passo, que a historia está cheia de palavras que desencaminham o bom senso.

A effeito de definir a inquietação dos brancos em face da escravidão e o terror dos pretos, recorre a essas explicações formaes:—«como, em regra, quem opprime se sente mal, imaginando a cada passo a revolta dos opprimidos, assim viviam os brancos, cujo duende era o odio dos negros. Viram rastros de insurreição em tudo, e só a suspeita calava um desasocego infernal. Por parte dos escravos, como a escravidão revoga a natureza, e só se mantem pelo terror, sabiam que, apanhados, morreriam em tormentos, e assim se dispunham a morrer, matando».

O historiador anseia por comprehender, indo buscar a causa substancial dos acontecimentos. Não acata sem exame os postulados historicos.

Vê o lado comico das coisas e dos individuos, encarando os desatinos humanos como infantilidades. Por isso, perdôa-os. Tem clarividencia, enthusiasmo, noção do tempo, das condições sociaes, da mentalidade das épocas, e mais a fé, e mais o véo diaphano da fantasia...

E' o suave chronista da nossa historia, o amoravel chronista dos primeiros tempos de Minas Geraes, a que vota um patriotismo regionalista e vigoroso.

Nem a indignação lhe suffoca o espirito unitario da justiça: execra o Marquez de Pombal, mas não lhe nega os reaes meritos.

Diogo pertencia á familia daquella sorte de mineiros, em cuja personalidade havia a influencia plasmadora dos costumes e da terra, deleitavel no trato, veraz no conceito, corajoso na attitude, cavalheiresco na amizade, cioso nas affeições, unitario nos principios e nas crenças. Atravéz do tempo, das lutas e dos homens, permaneciam sempre identicos a si mesmos.

Isso é a expressão mais sinergica do caracter.

A honra que experimento em substituil-o na Academia, ainda accrescida pela de ser recebido por Noraldino Lima, fulgurante expoente

de nossa cultura e artista consummado, tambem homem de acção e de caracter, só me não enche de orgulho por saber aquilatar, conscienciosamente, o grande compromisso de ordem intellectual que esta substituição me impõe.

Em Diogo, pervagando o olhar pelos cimos de sua existencia ascencional, revejo os esplendores da intelligencia no milagre creador, a clarear, no torvelinho dos embates do pensamento, os ideaes que consubstanciaram os supremos interesses de nossa Patria. Pelo passado em fóra, o nome que illustrou representa um dos veios inexhauriveis de nosso patrimonio civico!

Viveu pelejando, amando, sonhando, predicando, e viveu sorrindo...

Assim passou pela existencia Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcellos, scintillante nos triumphos politicos, grandioso no ostracismo e na solidão a que, por vezes, se recolheu, inexcedivel no heroismo de idéas e amisades, e verdadeiramente encantador na bondade do coração, que lhe pulsou sempre ao rythmo das virtudes eternas, no mundo semeadas pelo Christo Redemptor.

(*Do Minas Geras, de 1o de junho de 1928*).

Demarcação no Sul do Brasil

Cartas para o Secretario de Estado

Colonia Rio Grande do Sul

Extractos de 1752 — 1755

(*Continuação do Volume XXI, pag. 549*)